Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre...

Bem, meus prezados senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com dois esses
que se escreve paçarinho?)[79]

O Surrealismo: Cláudio Willer

Poeta paulista, nascido em 1940, tradutor excepcional de Lautréamont, Artaud, Ginsberg, estreou em 1964, com *Anotações para um Apocalipse*. Seu livro mais importante: *Jardins da provocação* (1981). E esse livro diz bem da natureza de Willer, a de um ativo provocador cultural. É um surrealista, vinculado tanto a Breton como ao americano Ginsberg e ao grande Lautréamont. Sua escuridão com clarões metafóricos, com o mapa da imaginação, ordena-se em beleza. E René Char diz bem: "é como se enxugasse trovões". Nos poemas de Willer – em prosa/verso – há um rebentar de imagens que se acumulam, entrecruzam, desvairadamente. Atraindo pelo insólito: "O grande cavalo de lágrimas azuis desce do Oeste, lento como a névoa dos trigais".[80] Vejam o dinamismo e o fascínio desse verso! Ou o dilúvio e atropelamento no catalogar caótico de metáforas ("silêncio de cascos estilhaçados de tartaruga")[81], em que a lógica não importa, mas a velocidade dos sonhos e "a queimadura do fósforo da poesia consumindo-se".[82] Como se um terremoto. Ainda que a casa do poeta se erga sobre o nada, ou nos escombros, centelhas iluminem a vida. Observem este fragmento:

Digitalizado com CamScanner

Silêncio de vértebras e rins e palavras ocultas e soterradas
e vigiadas
junto ao corpo de Federico García Lorca
assassinado por alcaguetes e tropas fascistas
em um campo de Granada em agosto de 1936
desde então ciosamente guardado
por uns poucos fantasmas carcomidos e fosforescentes
para que ninguém chegue perto
e tenha coragem de romper o lacre
e soltar as palavras
a serem lançadas contra a opacidade do mundo.[83]

Ou este raio de lucidez atordoante: "uma geração pulou no abismo/ mas você foi mais adiante/ ou saltou mais fundo/ levantou a tampa da vida/ para ver o que havia por baixo/ para ver que não havia nada embaixo".[84] Sua ambição poética é a de *um filme passando*, ao buscar "uma concretude carregada de tudo". Sua visão é visionária, apocalíptica, que tenta, sim, abarcar tudo, mas o sentido não é o concreto, é o absoluto. O sentido é o verso absoluto. "Não há mais muita vida/ sobre a face deste planeta/ talvez em algum lugar/ ainda se ouça o vento soprar entre as árvores/ vozes ao longe enchendo o vale".[85] No mundo de detritos do Surrealismo, não vem à tona o *em si* do inconsciente. Se ele tomasse como medida sua relação com o inconsciente, os símbolos apareceriam como algo racional demais".[86] E essa dita racionalidade fenderia o mistério. Embora se ache neste mundo de escombros, exatamente pela busca do absoluto verso, o abandonar da razão, Cláudio Willer é sideral, cósmico, carregando a máquina de frenéticas visões, com "um céu nem amarelo, nem azul",[87] um céu que perturba. E veio para perturbar. E basta.

Digitalizado com CamScanner